

ARQUEOLOGIA URBANA

04

PROJETO ALMA CUIABÁ

Experiências no
Centro Histórico
de Cuiabá

ALMA
CUIABÁ

Apoio



DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA
UFMT

FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA EM ARQUEOLOGIA

Governo de
Mato
Grosso

CNPq

CAPES



O Projeto

O Projeto Alma Cuiabá é desenvolvido a partir do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com apoio da Fundação de Apoio a Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Com uma equipe interdisciplinar, o objetivo do Projeto é analisar o Centro Histórico de Cuiabá, pensando temas como patrimônio, memória, afetos e cuidados

nesse contexto, com atividades diversas. Dividido em três principais núcleos – Patrimônio, Arqueologia e Geoprocessamento –, o projeto envolve diferentes temas e públicos, com o mesmo objetivo: entender esse contexto com ALMA. Vivências e experiências cotidianas nos entregam conhecimentos visíveis e invisíveis sobre um patrimônio cultural que também se sente e que precisa ser evidenciado por múltiplas percepções.

Camadas
arqueológicas

Materiais do
cotidiano

História e
memória

O Alma Cuiabá nasce como projeto, mas cresce como compromisso com a preservação, o afeto e a memória da nossa cidade.

PROJETO Apreço a Lugares Memórias e Afetos CUIABÁ

**CADERNO
TEMÁTICO 04**

Arqueologia Urbana





Este caderno apresenta os procedimentos técnicos, metodológicos e os principais resultados desenvolvidos pelo Núcleo de Arqueologia entre setembro de 2025 e agosto de 2026. As etapas de escavação arqueológica e análise dos materiais foram conduzidos pelos arqueólogos Luís Cláudio Pereira Symanski (UFMG) e Marcus Vinícius Oliveira. Colaboraram ainda o historiador e professor Eduardo Daflon (UFMT), o discente do curso de Licenciatura em História (UFMT) Fernando Jorge de Oliveira Silva e o mestrando em Arqueologia (USP) Wilson Júnior Ferreira dos Santos. Participaram também da etapa de escavação diversos estudantes do curso de História e Geografia da UFMT através do projeto de extensão "História, Documento e Patrimônio", aos quais agradecemos a colaboração.

Os dados que serão apresentados a seguir baseiam-se no relatório técnico produzido pelo professor Luís Cláudio Pereira Symanski em colaboração com os demais membros do Núcleo. O relatório será posteriormente disponibilizado em nosso site.

São descritos os vários momentos da pesquisa, desde os levantamentos arqueológicos realizados no contexto do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico no Centro Histórico de Cuiabá, a importância das atividades de campo e da atuação de uma equipe interdisciplinar para construir uma análise sobre arqueologia urbana, a partir dos modos de vida da sociedade cuiabana em diferentes momentos históricos.

Em conjunto com os resultados produzidos pelos demais núcleos do projeto, essas ações reforçam a compreensão do Centro Histórico de Cuiabá como um espaço onde patrimônio, memória, paisagem e relações de cuidado se articulam na produção das territorialidades urbanas.

“O que existe sob nossos pés e como esses vestígios ajudam a contar a história de Cuiabá?”

A Arqueologia é a ciência que estuda as **sociedades humanas por meio dos vestígios materiais produzidos ao longo do tempo**. Esses vestígios incluem objetos, edificações, ferramentas, cerâmicas, restos de alimentos, estruturas arquitetônicas, sepultamentos e inúmeros outros **elementos que registram as formas de viver, produzir, habitar e transformar o espaço**.

Diferentemente do que muitas pessoas imaginam, a Arqueologia não se dedica apenas à busca de objetos antigos ou de grandes monumentos. Seu principal objetivo é compreender como as **pessoas viveram, quais relações estabeleceram com o ambiente, como organizaram seus territórios e quais mudanças ocorreram ao longo da história**. Cada fragmento encontrado é **interpretado em seu contexto**, permitindo **reconstruir aspectos da vida cotidiana** que muitas vezes **não aparecem nos documentos escritos**.

Por essa razão, a **Arqueologia é uma ciência interdisciplinar**, que dialoga com áreas como História, Geografia, Antropologia, Geologia, Biologia, Arquitetura, Engenharia e Patrimônio Cultural. O conhecimento arqueológico contribui para compreender a **diversidade cultural, valorizar diferentes grupos sociais e preservar a memória coletiva**.

Mais do que simplesmente “cavar buracos no chão” para desenterrar objetos antigos, a arqueologia é uma ciência que envolve técnicas, métodos e procedimentos próprios. Seu trabalho consiste não apenas em localizar e recuperar vestígios, mas, sobretudo, em desenvolver a capacidade de “ler” e interpretar aquilo que esses vestígios revelam sobre diferentes sociedades, práticas e formas de ocupação do território (Funari, 2022)

Diferentes campos da Arqueologia

Embora compartilhem os mesmos princípios científicos, os estudos arqueológicos podem concentrar-se em diferentes períodos históricos e tipos de ocupação humana.

Arqueologia Pré-Histórica

A Arqueologia Pré-Histórica dedica-se ao estudo das sociedades que viveram **antes da existência da escrita**. Como não há documentos escritos produzidos por esses grupos, todo o conhecimento é construído a partir da análise de **vestígios materiais, como instrumentos de pedra, cerâmicas, pinturas rupestres, restos alimentares, estruturas habitacionais e sepultamentos**.

No Brasil, esse campo tem contribuído para compreender a **ocupação humana do território** há milhares de anos, revelando **modos de vida, tecnologias e adaptações** ambientais de diferentes grupos sociais.

Arqueologia Histórica

A Arqueologia Histórica investiga sociedades que produziram **registros escritos**, articulando informações provenientes da **cultura material com documentos históricos, mapas, fotografias**, relatos e outras fontes.

Essa integração permite ampliar o conhecimento sobre diferentes períodos históricos, **identificar aspectos pouco documentados e dar visibilidade a grupos frequentemente ausentes dos registros oficiais**, como populações indígenas, africanas, escravizadas, trabalhadores e mulheres.

Arqueologia Urbana

A Arqueologia Urbana concentra-se nas **cidades**, investigando como elas foram **construídas, modificadas e ocupadas ao longo do tempo**. Sob **ruas, praças, edifícios, quintais e calçadas** permanecem preservados vestígios das diferentes fases de **desenvolvimento urbano**.

Esses materiais ajudam a compreender a **evolução da cidade, as formas de ocupação do solo, os hábitos cotidianos de seus habitantes, as transformações arquitetônicas e as relações entre sociedade e espaço urbano**.



Cuiabá em camadas

Uma simples tampa de garrafa, um fragmento de louça ou um pedaço de vidro podem revelar hábitos alimentares, padrões de consumo, relações comerciais e transformações econômicas de uma cidade.

A Arqueologia se dedica ao estudo da cultura material de um certo período. Na **Arqueologia Histórica Urbana**, isto é feito tanto **acima do solo quanto abaixo dele**. Para localizar artefatos abaixo do solo, o arqueólogo utiliza de **prospecções**, malhas de **quadrículas**, **estratigrafia natural** e **artificial**. O objetivo é localizar e estabelecer comparações com os artefatos, como **faianças finas**, **cerâmicas** e **vidros**.



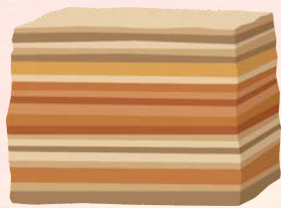
Arqueologia Histórica Urbana

Subcampo da Arqueologia Histórica que pode possuir uma série de objetivos. Compreender a vida urbana, ou seu desenvolvimento histórico integram esses objetivos. Tratando-se, ainda, de uma Arqueologia feita *nas cidades*, há uma série de questões metodológicas importantes: como lidar com o solo? Os sítios arqueológicos estão preservados nas cidades?



Literatura cinzenta

O nome “literatura cinzenta” é dado a toda documentação interna que não se transforma num material público, ou que não é publicizado. Ou seja: embora Cuiabá tenha passado já por intervenções arqueológicas, elas dificilmente chegaram ao grande público residente na cidade. Deste modo, a materialidade e o registro arqueológico ainda espera estudos mais aprofundados.



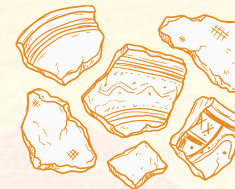
Estratigrafia natural

Diz respeito ao solo e as diferentes camadas que o compõem. A diferenciação se dá pelas características dessas camadas, como sua cor e granulometria. Essa distinção considera, portanto, somente as características **do próprio solo**.



Estratigrafia artificial

Diz respeito a metrificação da escavação. A partir de trenas e réguas, passa-se a medir a profundidade de uma **quadrícula**. Essa profundidade, dada em centímetros, é artificial pois é um **dado do pesquisador**, e não de uma característica do solo.



Faianças finas

Material produzido a partir do século XVIII na Europa, as faianças finas compõem tipos de objetos domésticos comuns em sítios arqueológicos históricos. Na Arqueologia, pertencem ao grande grupo das **louças domésticas**: pratos, tigelas, malgas, travessas e afins.



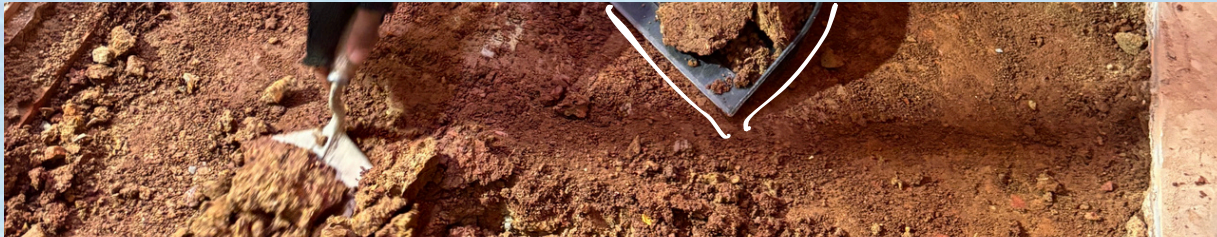
Cerâmicas

Diferente das *faianças finas*, as cerâmicas são, geralmente, de produção local: o bairro, a região,... Objetos mais baratos no passado, eles não devem ser lidos como simplórios! Pelo contrário, tratando-se de peças produzidas por e para as pessoas que residiam naquele espaço em que estes artefatos foram localizados, apresentam uma série de informações imprescindíveis aos arqueólogos.

Como nasce a pesquisa arqueológica?

Fragmentos de objetos deixados para trás há décadas, séculos ou milênios são reunidos no presente. **Mas como são feitas essas atividades? Qual é o órgão regulador e quais são os caminhos para a produção desse conhecimento?**

A Arqueologia é não só uma disciplina acadêmica, mas também uma profissão: a do arqueólogo(a). Estes profissionais atuam tanto no meio acadêmico quanto em trabalhos para empresas de licenciamento ambiental, dando o aval necessário para a continuidade de obras e afins sem que haja prejuízo à compreensão do passado humano.



Mas antes de qualquer pá...!

Os sítios arqueológicos são protegidos pela legislação federal, e o órgão responsável pela sua regulamentação é o **Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**. A pesquisa arqueológica é, então, dividida em **Fases**:

Você sabia?

Arqueólogos e paleontólogos são diferentes

Arqueólogos trabalham exclusivamente com vestígios **humanos**, ou seja, itens fabricados ou modificados por **ações antropogênicas**. O solo, por exemplo, pode ser modificado pela ação humana, seja tornando-o mais fértil ou produzindo o plantio. Enquanto isso, **paleontólogos(as)** trabalham somente com vestígios de um passado muito mais antigo: são dinossauros ou a flora do período Cretáceo.



1. Projeto e aval do IPHAN

Um projeto com a **delimitação do espaço** a ser trabalhado é encaminhado, contando com os objetivos e as áreas a serem prospectadas e escavadas. Ele deve passar pela **avaliação dos pareceristas do IPHAN**, que podem, ou não, entregar uma portaria.



2. Prospeção

A prospecção é a fase na qual se iniciam os **trabalhos em campo**. Prospeccionar seria testar quais os locais, dentro de uma área mais ampla, que apresentam **potencialidade arqueológica**. Assim, são abertos buracos contínuos de pelo menos 1m de profundidade, com distâncias marcadas no espaçamento previamente delimitado.



3. Escavação

Definidos os locais com maior potencial arqueológico, é então iniciado o processo de escavação. As escavações arqueológicas são controladas tanto em **níveis artificiais** quanto pelas **próprias camadas estratigráficas**. Essas informações **localizam, verticalmente, onde cada peça estaria (se mais próximo da superfície ou mais afastada dela)**. Ao mesmo tempo, há o controle espacial a partir das **quadrículas, ou unidades de escavação**. A cada 1m, é demarcada uma **quadrícula** a ser verticalmente trabalhada.

São mobilizadas, ainda, **diversas ferramentas**: colheres de pedreiro adaptadas, trinchas, pazinhas, fitas métricas, saquinhos **ziplock**, pares de botinas e muita água! A escavação demanda um **esforço físico e uma boa percepção daquele que escava**: após o fim de uma escavação, o registro arqueológico se transformou pela ação dos arqueólogos envolvidos, de modo que recuperar o que havia antes se torna impossível.

OS PRIMEIROS PASSOS

Como nasce a pesquisa arqueológica?

4. Análise de laboratório



Após a escavação, toda uma documentação é produzida. Não são só as peças que interessam aos arqueólogos, mas o que chamamos de *contexto arqueológico*. O contexto arqueológico se refere ao exato local em que um fragmento de um objeto foi encontrado, ou seja, as características do solo, sua profundidade, sua localização entre os outros fragmentos,... Se o sítio arqueológico é escavado e, nesse sentido, jamais poderá ter novas informações extraídas daquele ponto que foi escavado, então, **essa fase se foca em reconstruir o sítio, mas em laboratório**. Desenhos, fotos e registros escritos de campo se tornam, nessa etapa, fundamentais para que as informações do sítio se transformem num repertório interpretativo para o arqueólogo e para toda a sociedade.

5. Relatório e aval do IPHAN



Tudo termina no lugar em que começa. Finalizadas as etapas anteriores, a equipe realiza uma interpretação com base na materialidade arqueológica e, no caso da Arqueologia Histórica Urbana, da **documentação escrita e da oralidade**. Essa interpretação fundamenta um Relatório, a ser entregue para o IPHAN. O órgão em questão fará a apreciação deste documento. É só então que os bens arqueológicos são passados do arqueólogo e do laboratório em questão para a **instituição de salvaguarda do material**, sendo que a **consulta** a estes espaços é **pública** e aos processos arqueológicos também.

Você sabia?

Cuiabá e seu patrimônio arqueológico estão resguardados na capital!

A legislação brasileira define que os materiais arqueológicos devem ser, preferencialmente, salvaguardados o mais próximo possível da realização da pesquisa arqueológica. Em Cuiabá, há duas instituições de salvaguarda de material arqueológico: o Museu de História Natural de Mato Grosso (MHNMT) e o Instituto do Homem Brasileiro (IHB).



ARQUEOLOGIA URBANA

O interesse da Arqueologia não está no valor financeiro dos objetos, mas nas informações que eles podem fornecer sobre a sociedade que os produziu.

A Arqueologia Urbana é o ramo da Arqueologia dedicado ao **estudo das cidades e de sua formação histórica por meio dos vestígios preservados no ambiente urbano**. Seu objetivo é compreender como diferentes grupos sociais ocuparam, transformaram e deram significado aos espaços urbanos ao longo do tempo.

Cada reforma, construção ou demolição altera a paisagem da cidade, mas também pode **preservar evidências** das ocupações anteriores. Sob o pavimento das ruas, abaixo dos edifícios ou nos quintais de antigas residências permanecem registrados diferentes momentos da história urbana.



(...) toda atividade humana desarranja o local onde ocorre. Isto significa que, longe de serem consideradas perturbações, todas as atividades de construção ou de demolição fazem parte da história do lugar e são altamente informativas das sucessivas modificações que nele ocorreram ao longo do tempo (Lima, 2022, p. 120).

Como as cidades preservam vestígios sob o solo

As cidades são continuamente transformadas. Casas são demolidas, ruas são alargadas, redes de infraestrutura são instaladas e novas edificações substituem construções antigas. Paradoxalmente, esse processo também contribui para preservar parte da história urbana.

Quando uma **construção é abandonada ou substituída**, seus alicerces, pisos, objetos descartados e estruturas permanecem enterrados. Ao longo do tempo, novas camadas de solo e novas edificações recobrem esses vestígios, formando uma espécie de **"arquivo subterrâneo"** da cidade.

O asfalto produzido no presente mantém, abaixo dele, **camadas de história a serem escavadas**.



Entre os materiais frequentemente encontrados em áreas urbanas destacam-se:

- fundações de edificações antigas;
- pisos e calçamentos históricos;
- sistemas de drenagem e abastecimento de água;
- poços e cisternas;
- fragmentos de cerâmica, louças e vidros;
- moedas, utensílios domésticos e objetos pessoais;
- restos alimentares e vestígios de antigas áreas de descarte.

Esses materiais permitem reconstruir aspectos da vida cotidiana que dificilmente aparecem nos documentos escritos.

A Arqueologia Urbana contribui para compreender essa sobreposição de tempos, revelando como diferentes gerações ocuparam o território, transformaram a paisagem e produziram identidades culturais.

As cidades são espaços onde diferentes tempos históricos coexistem. Um edifício centenário pode estar ao lado de uma construção contemporânea, enquanto, sob ambos, permanecem vestígios ainda mais antigos.



A memória urbana não está presente apenas em monumentos ou edifícios preservados, mas também nos vestígios invisíveis que permanecem sob o solo. Esses registros constituem um patrimônio cultural de grande valor, pois ajudam a contar histórias de grupos sociais muitas vezes esquecidos ou pouco representados na narrativa oficial das cidades.

A Arqueologia como instrumento de planejamento urbano

Além de ampliar o conhecimento sobre o passado, a Arqueologia Urbana desempenha um papel importante no **planejamento e na gestão das cidades**.

Integrada a tecnologias como Sistemas de Informação Geográfica (SIG), georreferenciamento, sensoriamento remoto, fotogrametria digital e modelagem tridimensional, a Arqueologia Urbana **produz informações que subsidiam políticas públicas de conservação**, planos diretores, projetos de revitalização e ações de educação patrimonial.

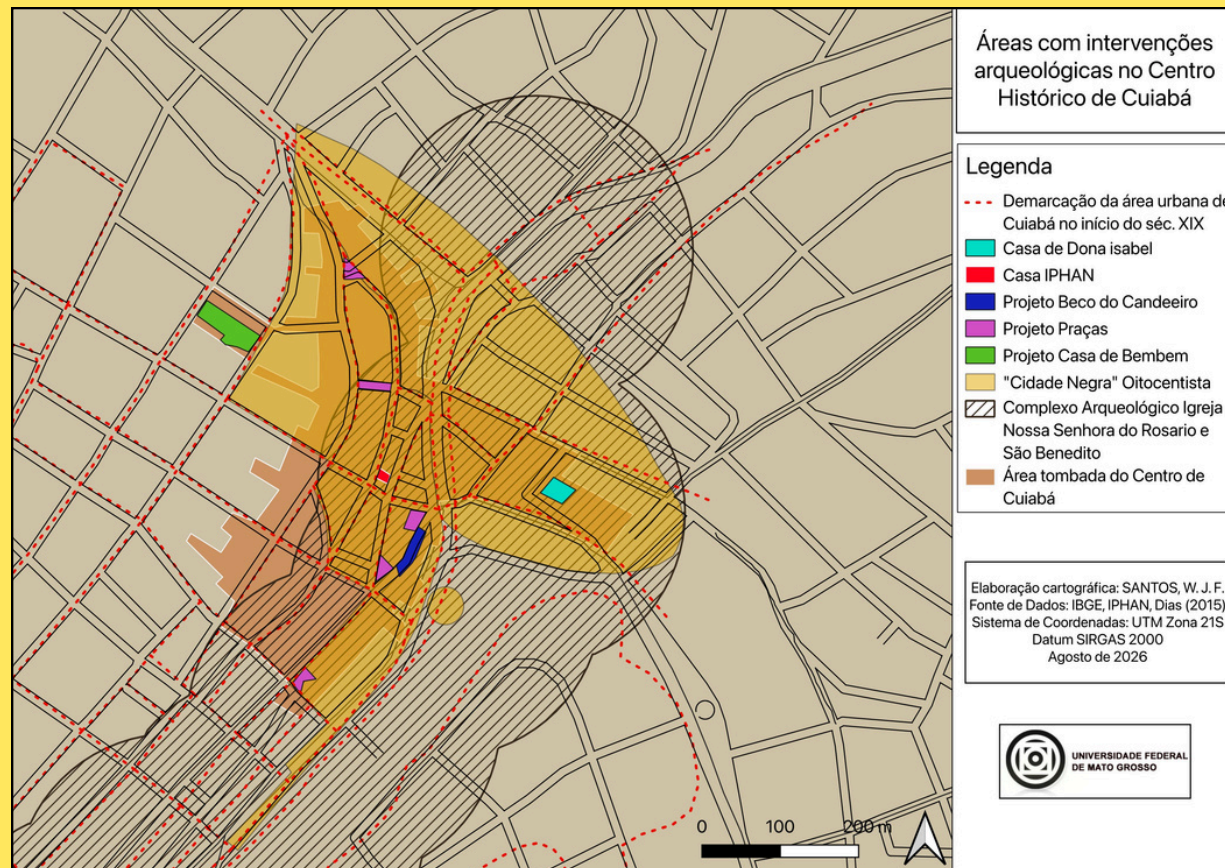
Antes da execução de obras públicas, restaurações ou grandes empreendimentos, estudos arqueológicos podem identificar áreas com potencial para a existência de sítios arqueológicos. Essas informações permitem compatibilizar o desenvolvimento urbano com a preservação do patrimônio cultural, evitando a destruição de evidências históricas.



No caso do Centro Histórico de Cuiabá, a Arqueologia Urbana representa uma importante ferramenta para compreender mais de três séculos de ocupação da cidade. Seus vestígios ajudam a revelar as transformações da paisagem, as relações entre mineração, comércio, habitação e circulação, bem como a presença e a contribuição de diferentes grupos sociais na construção da história cuiabana. Assim, ao investigar o que permanece sob nossos pés, a Arqueologia não apenas preserva o passado, mas também contribui para orientar decisões sobre o presente e o futuro das cidades.



O contexto das escavações arqueológicas



Os levantamentos arqueológicos na área urbana de Cuiabá, para fins de pesquisa científica, ainda são escassos e revelam uma lacuna importante sobre o tema e o potencial desses estudos para conhecer melhor a história da nossa cidade.



No contexto mato-grossense isso se torna particularmente complexo porque, nas palavras de Stuchi (2025, p. 76): *“as atividades de intervenção têm se desenvolvido de forma cada vez mais acelerada em um estado da federação, cujas pesquisas arqueológicas ainda são insipientes, seja na geração de conhecimento puro, seja na aplicabilidade desse conhecimento nas ações de gestão dos bens culturais arqueológicos. Tal cenário agrava-se diante de algumas dificuldades, a começar com o desafio de lidar com um território de dimensões continentais, em que diversas áreas ainda não foram arqueologicamente pesquisadas, enquanto outras tantas foram objeto apenas de prospecções, cujos resultados geralmente não ultrapassam a identificação e descrição básica de sítios e vestígios”*

Praticamente a totalidade das escavações mato-grossenses realizadas é produto de ações arqueológicas empresariais para resgate de parte dos patrimônios frente à destruição promovida por alguma obras de infraestrutura.

Você sabia?

Alguns dos levantamentos arqueológicos realizados em Cuiabá:

- 1) Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Etapas Diagnóstico, Prospecção e Monitoramento) – Sistema de Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT) Cuiabá – Várzea Grande;
- 2) Projeto de Diagnóstico, Prospecção, Monitoramento, Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial nas Praças Caetano Albuquerque, Dr. Alberto Novis, Senhor dos Passos, Escadaria do Beco Alto e Largo Feirinha da Mandioca;
- 3) Projeto Beco do Candeeiro: patrimonialização da memória de um espaço urbano em Cuiabá, Mato Grosso, através da Arqueologia; e
- 4) Projeto de mitigação de impactos, preservação e monitoramento arqueológico no casarão de Bem-Bem – Centro Cultural Nhô Nhô de Manduca, Cuiabá-MT.

DOCUMENTOS QUE CONTAM A HISTÓRIA DA CIDADE

Além das evidências encontradas em campo, a pesquisa arqueológica também se apoia em documentos históricos que ajudam a compreender como a cidade foi construída e transformada ao longo do tempo. No projeto, a investigação reuniu informações provenientes de escavações arqueológicas e de documentos preservados no Arquivo Público de Mato Grosso, estabelecendo um diálogo entre Arqueologia e História.

Entre setembro de 2025 e abril de 2026, foi realizado um amplo levantamento documental com o objetivo de identificar fontes que permitissem reconstruir aspectos da ocupação do Centro Histórico de Cuiabá durante o século XIX. O principal conjunto documental analisado foi o da **Coletoria de Rendas de Cuiabá**, responsável pelo registro da arrecadação de diversos impostos da época.

O foco da pesquisa concentrou-se nas três ruas que deram origem ao núcleo inicial da antiga Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: a **Rua de Cima (atual Rua Pedro Celestino)**, a **Rua do Meio (atual Rua Engenheiro Ricardo Franco)** e a **Rua de Baixo (atual Rua Sete de Setembro)**. Essas vias representam o **espaço mais antigo da cidade** e constituem uma importante referência para compreender sua **formação urbana**.

A Décima Predial Urbana

Entre os documentos consultados destacam-se os livros da **Décima Predial Urbana, imposto criado no início do século XIX e cobrado sobre os imóveis urbanos**. Instituído em 1808, esse tributo incidia sobre o valor dos aluguéis ou, no caso das casas ocupadas pelos próprios proprietários, sobre uma estimativa do rendimento que o imóvel poderia gerar. Esses documentos funcionam como verdadeiros retratos da cidade oitocentista. Eles informam **quem eram os proprietários, quem ocupava os imóveis, quais edificações estavam alugadas, em reforma, abandonadas ou arruinadas**, permitindo acompanhar as **transformações do espaço urbano** ao longo do tempo.

Um grande acervo documental

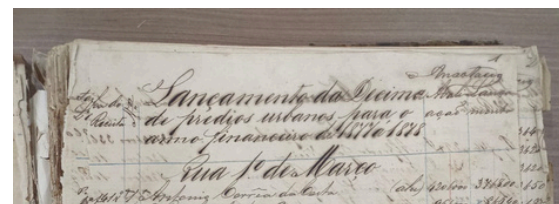
Ao todo, foram analisados **357 documentos, distribuídos em 72 caixas documentais, abrangendo um período que vai da década de 1830 até 1916**. Dentre esse conjunto, foram selecionados os livros referentes às três ruas mais antigas do Centro Histórico, possibilitando acompanhar cerca de **seis décadas de ocupação urbana**.

Embora parte da documentação apresente lacunas, páginas deterioradas e registros incompletos, o período compreendido entre 1860 e 1880 revelou-se especialmente rico. Os livros dessa época apresentam melhor estado de conservação e contêm informações mais detalhadas sobre **moradores, proprietários, características dos imóveis e formas de ocupação da cidade**.

Esses registros demonstram o **enorme potencial da documentação histórica** para ampliar o conhecimento sobre a evolução urbana de Cuiabá e indicam que futuras pesquisas poderão expandir essa análise para outras áreas da cidade.



Os registros mostram que o Centro Histórico de Cuiabá passou por constantes transformações ao longo do século XIX. Reformas, reconstruções e mudanças na ocupação dos imóveis eram frequentes, evidenciando uma cidade em permanente processo de adaptação.



POR QUE ESSES DOCUMENTOS SÃO IMPORTANTES?

A documentação revela uma forte concentração da propriedade imobiliária nas mãos de grupos pertencentes à elite local, especialmente militares, autoridades civis e membros do clero. Muitos proprietários possuíam diversas casas distribuídas pelas principais ruas da cidade, revelando padrões de concentração fundiária e de investimento imobiliário.

Os documentos ainda registram nomes de importantes personagens da sociedade cuiabana oitocentista, incluindo proprietários rurais, donos de engenho e integrantes da nobreza imperial, como os Barões de Diamantino, de Casalvasco e de Aguapuhý. Embora algumas identificações ainda dependam de estudos complementares, esses registros demonstram a estreita relação entre o centro urbano, a economia regional e as elites políticas e econômicas da época.



Outro aspecto revelado pela documentação é que a maior parte das residências era ocupada por inquilinos. Poucos moradores viviam em imóveis próprios, indicando a predominância do mercado de aluguel na região central desde aquele período.



Quando analisados em conjunto com os vestígios arqueológicos, mapas históricos e levantamentos espaciais, esses documentos permitem reconstruir a história da cidade com muito mais precisão. Eles ajudam a compreender quem ocupava determinados espaços, como as edificações eram utilizadas, de que maneira a paisagem urbana se transformou ao longo do tempo e quais grupos sociais participaram da construção da Cuiabá que conhecemos hoje.

Mais do que registros administrativos, os livros da Coletoria de Rendas constituem um valioso patrimônio documental. Associados à pesquisa arqueológica, eles revelam aspectos do cotidiano, das relações sociais e da organização urbana que dificilmente seriam conhecidos apenas por meio das edificações ainda preservadas, contribuindo para uma compreensão mais ampla da memória e do patrimônio do Centro Histórico de Cuiabá.



Centro Histórico de
Cuiabá

**O que
encontramos?**

Escavações
arqueológicas realizadas

Casa IPHAN



As escavações arqueológicas realizadas no quintal da Casa do IPHAN tiveram como objetivo investigar os vestígios preservados sob o solo do Centro Histórico de Cuiabá e compreender como esse espaço foi ocupado e transformado ao longo do tempo. Embora a paisagem atual seja resultado de sucessivas reformas e adaptações urbanas, o subsolo ainda preserva evidências importantes das diferentes fases de ocupação da cidade. Os trabalhos de campo seguiram procedimentos científicos de registro e escavação em unidades controladas, permitindo documentar cuidadosamente cada camada de sedimento e a posição dos materiais encontrados. Essa metodologia possibilita reconstruir a sequência de ocupações do local e interpretar as mudanças ocorridas ao longo dos séculos.

O que foi encontrado?

As escavações revelaram diferentes estruturas construtivas e uma expressiva diversidade de materiais arqueológicos. Entre os principais achados destacam-se uma estrutura circular construída em tijolos, provavelmente relacionada a uma antiga cisterna ou reservatório de água, além de uma canaleta formada por grandes pedras, que possivelmente integrava um sistema de drenagem ou condução de água utilizado em intervenções mais recentes.



Também foi identificada uma vasilha cerâmica praticamente inteira, encontrada ainda em sua posição original de deposição. Esse tipo de achado é relativamente raro em escavações urbanas, pois os objetos normalmente são encontrados bastante fragmentados devido às sucessivas transformações ocorridas na cidade.

Além dessas estruturas, foram recuperados fragmentos de louças, vidros, porcelanas e cerâmicas utilitárias, produzidas artesanalmente. Entre os materiais destaca-se um fragmento de porcelana chinesa, evidenciando a circulação de mercadorias importadas e as conexões comerciais estabelecidas por Cuiabá durante o século XIX.



Louças, cerâmicas e hábitos do cotidiano



Os materiais encontrados durante as escavações da Casa do IPHAN permitem reconstruir aspectos importantes da vida cotidiana dos antigos moradores do Centro Histórico de Cuiabá. Entre os vestígios arqueológicos destacam-se fragmentos de cerâmicas utilitárias, faianças, porcelanas e recipientes de vidro, objetos que revelam hábitos de consumo, formas de alimentação e relações comerciais estabelecidas pela cidade ao longo de sua história.



As cerâmicas utilitárias constituíram a categoria mais abundante da escavação. Produzidas artesanalmente, eram utilizadas no preparo, armazenamento e consumo de alimentos e água. Panelas, potes e outros recipientes faziam parte da rotina doméstica e, muito provavelmente, eram fabricados por oleiros da própria região, como os tradicionais centros ceramistas da Baixada Cuiabana, entre eles a comunidade de São Gonçalo Beira Rio.

A predominância dessas cerâmicas demonstra que, mesmo diante da circulação de produtos industrializados importados, a população continuava valorizando objetos produzidos localmente. Esses recipientes refletem conhecimentos técnicos transmitidos entre gerações e evidenciam a influência das tradições indígenas, africanas e afro-brasileiras na cultura material cuiabana.

Louças vindas de longe

Além das cerâmicas locais, a escavação revelou fragmentos de faianças portuguesas, porcelanas chinesas, porcelanas japonesas e porcelanas europeias. Esses materiais demonstram que Cuiabá, apesar de sua localização no interior do continente, estava inserida em amplas redes de circulação de mercadorias que conectavam a cidade a diferentes partes do mundo.

A presença de faianças portuguesas e porcelanas chinesas indica que alguns objetos chegaram à cidade ainda durante o período colonial, enquanto as porcelanas japonesas e europeias refletem a continuidade dessas relações comerciais ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

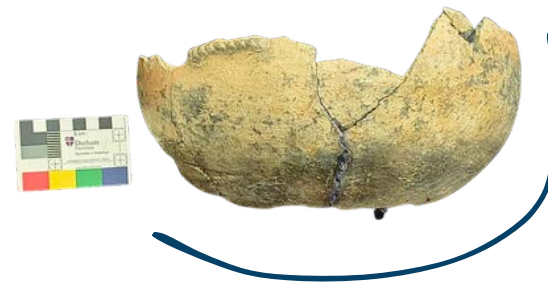
Esses materiais ajudam os arqueólogos a estimar os períodos de ocupação do sítio, indicando que a área da Casa do IPHAN foi utilizada por aproximadamente duzentos anos, entre meados do século XVIII e a primeira metade do século XX.



O que esses objetos revelam sobre os moradores?

Embora objetos importados estivessem presentes na residência, eles representavam apenas uma **pequena parcela do conjunto arqueológico**. As cerâmicas produzidas localmente permaneceram predominantes durante todo o período analisado, sugerindo que os moradores mantinham **práticas domésticas fortemente ligadas às tradições regionais**.

Esse padrão indica que a **alimentação era preparada e servida principalmente em recipientes cerâmicos artesanais**, diferentemente do modelo europeu, que privilegiava conjuntos completos de louças para servir à mesa. A reduzida quantidade de pratos, travessas e outros utensílios de serviço reforça essa interpretação, sugerindo **formas de sociabilidade mais simples e adaptadas à realidade local**.



Chá, café e novos costumes

Entre as porcelanas encontradas, chamam atenção as numerosas **xícaras e pires, especialmente aqueles destinados ao consumo de bebidas quentes**. Esse conjunto revela que práticas como **tomar chá, café ou chocolate passaram a integrar o cotidiano** dos moradores, acompanhando mudanças culturais observadas em diversas cidades brasileiras durante o século XIX.

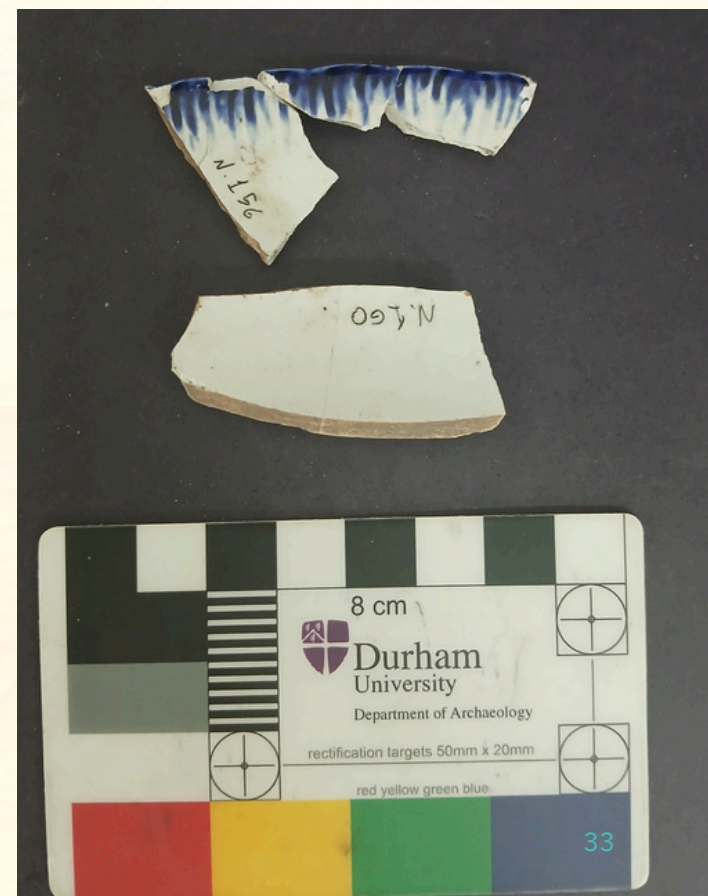
Entretanto, a predominância de **porcelanas japonesas**, consideradas mais acessíveis economicamente, e a ausência de conjuntos completos de chá sugerem que esses hábitos eram incorporados de forma própria pela população cuiabana, combinando **objetos importados com utensílios produzidos localmente**.

Essa convivência entre diferentes tipos de materiais evidencia que os moradores do Centro Histórico não simplesmente reproduziam padrões europeus de consumo. Ao contrário, construíram uma **cultura material singular**, na qual objetos vindos de **diferentes partes do mundo conviviam com cerâmicas produzidas na própria região**.

Modos de vida

Cada fragmento de louça, cerâmica ou vidro representa muito mais do que um objeto quebrado. Em conjunto, esses materiais permitem compreender como as famílias preparavam seus alimentos, quais produtos consumiam, quais objetos valorizavam e como se relacionavam com os mercados locais e internacionais.

As escavações da Casa do IPHAN revelam que o cotidiano da antiga Cuiabá foi marcado pela combinação entre permanências e mudanças. Enquanto novas mercadorias chegavam por meio do comércio global, práticas tradicionais continuavam presentes nas cozinhas e nas mesas das famílias. Essa interação entre influências externas e saberes locais constitui uma das principais características da cultura material do Centro Histórico de Cuiabá e ajuda a compreender a diversidade de experiências que moldaram a cidade ao longo de sua história.



Cerâmica



Entre todos os materiais encontrados nas escavações da Casa do IPHAN, as cerâmicas artesanais foram as mais numerosas. Presentes em praticamente todas as camadas arqueológicas, esses vasilhames acompanharam o cotidiano dos moradores do Centro Histórico de Cuiabá por mais de um século, demonstrando a importância da produção local na vida doméstica.

Produzidas manualmente por oleiros da região, essas peças eram utilizadas para cozinhar, armazenar água e alimentos e servir as refeições. Panelas, potes e outros recipientes faziam parte da rotina das famílias e continuaram sendo amplamente utilizados mesmo quando louças industrializadas, como faianças e porcelanas importadas, já circulavam na cidade.

Essa permanência revela que os moradores não abandonaram seus costumes diante da chegada de novos produtos. Pelo contrário, combinaram objetos importados com utensílios produzidos localmente, preservando práticas culinárias e formas de viver profundamente enraizadas na cultura regional.



Técnicas decorativas presentes na amostra de cerâmicas artesanais: a) pintada; b) impressa; c) penteada; d) escovada; f) incisa; g, h e i) incisa com roletes expostos.

Marcas deixadas pelas mãos

Embora muitos recipientes tenham sido encontrados bastante fragmentados, foi possível identificar diferentes técnicas decorativas aplicadas às cerâmicas. Entre elas destacam-se incisões, impressões, superfícies penteadas, escovadas e pintadas, produzidas antes da queima das peças.

Essas marcas não tinham apenas função estética. Elas refletem conhecimentos técnicos transmitidos entre gerações e representam escolhas culturais realizadas pelos próprios artesãos, revelando diferentes maneiras de produzir e decorar os recipientes utilizados no cotidiano.

Influências indígenas e africanas

Um dos aspectos mais significativos identificados na pesquisa foi a presença de **padrões decorativos associados às tradições ceramistas de matrizes indígenas e africanas**. Algumas incisões, especialmente conjuntos de **linhas paralelas e motivos geométricos**, são semelhantes aos encontrados em outros sítios arqueológicos de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Bahia, onde foram **associados a contextos afro-brasileiros**.

Esses elementos demonstram que a **cultura material da antiga Cuiabá foi construída a partir do encontro entre diferentes povos e saberes**. As **cerâmicas revelam a convivência e a troca de conhecimentos entre populações indígenas, africanas e seus descendentes**, responsáveis pela **produção de objetos** que abasteciam o mercado local e circulavam amplamente pela cidade.

Além de indicar a presença de determinados grupos sociais, essas peças evidenciam **redes de produção, comércio e circulação** que integravam diferentes comunidades da Baixada Cuiabana, contribuindo para a formação de uma **identidade cultural própria da região**.



Casa do Rosário/Casa da Isabel

Elementos do cotidiano



As escavações realizadas na Casa do Rosário, também conhecida como Casa da Isabel, revelaram um conjunto de vestígios que ajudam a compreender o cotidiano de seus moradores nas primeiras décadas do século XX. Localizada ao lado da Igreja do Rosário e São Benedito, a residência preserva características construtivas do século XIX, mas as transformações realizadas em seu quintal modificaram significativamente os depósitos arqueológicos mais antigos.

As pesquisas indicaram que o terreno passou por obras de nivelamento e aterro, o que fez com que a maior parte dos materiais encontrados estivesse relacionada ao período mais recente de ocupação da casa. Apesar disso, alguns objetos mais antigos permaneceram preservados, permitindo identificar diferentes momentos da história do imóvel.

Louças que atravessaram gerações

Entre os materiais recuperados destacam-se fragmentos de faianças finas, categoria de louças amplamente utilizada entre os séculos XIX e XX. Algumas dessas peças foram fabricadas ainda no século XIX, como exemplares decorados no padrão conhecido como Azul Borrão e fragmentos de louças inglesas produzidas com esmalte pearlware.



A presença dessas peças em depósitos formados no século XX demonstra que muitos objetos permaneceram em uso durante décadas antes de serem descartados. Em outros casos, é possível que tenham sido incorporados ao solo durante as obras de aterramento do quintal, misturando materiais de diferentes épocas.



A presença dessas peças em depósitos formados no século XX demonstra que muitos objetos permaneceram em uso durante décadas antes de serem descartados. Em outros casos, é possível que tenham sido incorporados ao solo durante as obras de aterramento do quintal, misturando materiais de diferentes épocas.

Além das louças importadas, foram identificados diversos fragmentos de louças nacionais, produzidas nas primeiras décadas do século XX. Entre eles destaca-se uma peça fabricada pelas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, importante indústria paulista que produziu utensílios domésticos entre as décadas de 1910 e 1930. Esse achado demonstra a crescente presença da produção industrial brasileira no cotidiano das famílias cuiabanas.



**Amstras
escavadas da
Casa do
Rosário/Casa
da Isabel, com
o material
separado por
quadriculas e
pelos níveis
1 e 2**

O que essas louças revelam?



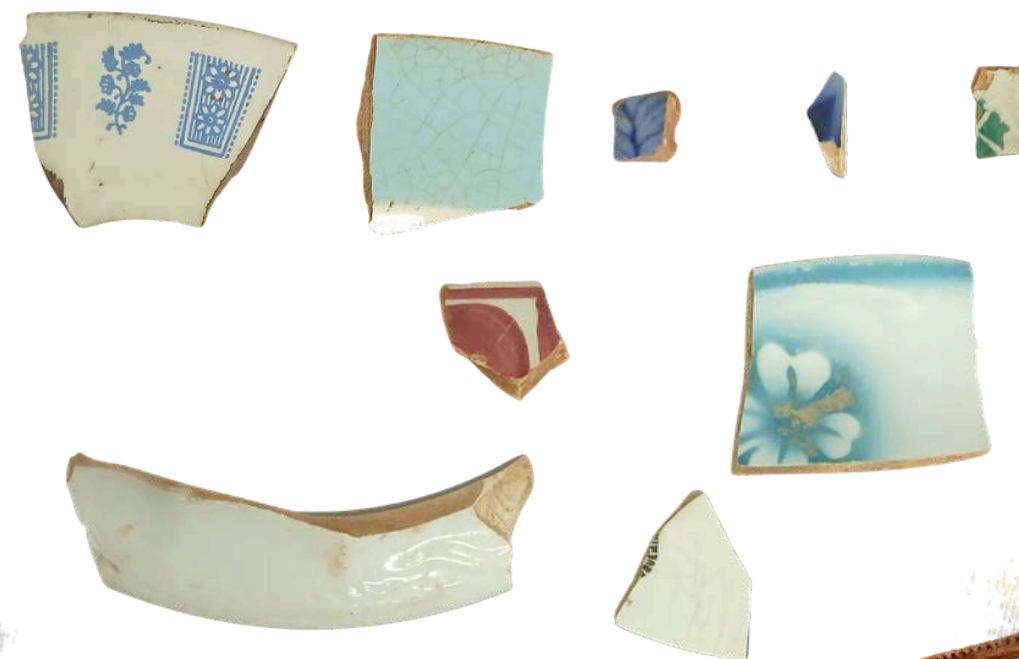
O conjunto arqueológico encontrado na Casa do Rosário é composto principalmente por pratos e xícaras, havendo pouca diversidade de utensílios domésticos. A ausência de peças mais sofisticadas, como travessas, bules e conjuntos completos para servir chá ou café, sugere um cotidiano marcado pela simplicidade e pelo uso de objetos estritamente necessários.

Esse padrão é compatível com grupos familiares de menor poder aquisitivo, que utilizavam seus utensílios de forma prática e prolongavam sua vida útil sempre que possível. As xícaras, por exemplo, provavelmente eram empregadas para diferentes bebidas do dia a dia, sem seguir os rígidos padrões de etiqueta associados aos conjuntos de chá utilizados pelas camadas mais abastadas da sociedade.

Objetos simples, histórias importantes

Embora modestos, os vestígios encontrados na Casa do Rosário possuem grande valor histórico. Eles mostram que a vida cotidiana era construída por meio de escolhas, adaptações e reutilizações de objetos, refletindo as condições econômicas e os hábitos culturais de seus moradores.

Ao lado das evidências arquitetônicas preservadas durante a restauração da edificação, os materiais arqueológicos permitem compreender diferentes fases de ocupação da casa e mostram que a história do Centro Histórico de Cuiabá também é contada pelos objetos comuns que fizeram parte da rotina das famílias. Pratos, xícaras e pequenos fragmentos de louça revelam modos de viver, consumir e habitar a cidade, contribuindo para preservar a memória das pessoas que construíram o cotidiano cuiabano ao longo do tempo.





Um patrimônio da cultura cuiabana

As cerâmicas artesanais mostram que o cotidiano dos moradores do Centro Histórico era marcado por um equilíbrio entre tradição e inovação. Enquanto porcelanas e louças importadas representavam novas formas de consumo e influência dos costumes europeus, os recipientes produzidos localmente continuavam ocupando lugar central nas cozinhas e nas práticas alimentares.

Essa coexistência demonstra que a população cuiabana não simplesmente substituiu seus costumes pelos modelos vindos de fora. Ao contrário, incorporou novos objetos ao seu cotidiano sem abandonar os conhecimentos e práticas construídos ao longo de gerações.

Hoje, esses fragmentos cerâmicos constituem importantes testemunhos da história social e cultural de Cuiabá. Eles preservam a memória dos artesãos que os produziram, das famílias que os utilizaram e das múltiplas influências que contribuíram para formar a identidade da cidade. Cada peça recuperada pelas escavações ajuda a compreender que o patrimônio arqueológico não é composto apenas por grandes monumentos, mas também pelos objetos simples que fizeram parte da vida cotidiana e que continuam contando histórias sobre a construção da sociedade cuiabana.

“ Os materiais encontrados permitem compreender aspectos importantes do cotidiano da população que habitou o Centro Histórico.

As louças, vidros e porcelanas ajudam a identificar padrões de consumo, hábitos alimentares e relações comerciais. Já as cerâmicas artesanais registram práticas culinárias, formas de armazenamento de água e alimentos e saberes tradicionais transmitidos entre diferentes grupos sociais.

Essas cerâmicas eram utilizadas principalmente no preparo, no cozimento e na conservação de alimentos. Produzidas manualmente, elas refletem conhecimentos compartilhados entre populações indígenas, africanas, afro-brasileiras e seus descendentes, constituindo importantes testemunhos da diversidade cultural presente na formação de Cuiabá.

A análise conjunta desses materiais demonstra que diferentes tradições tecnológicas coexistiram ao longo da história da cidade. Enquanto objetos industrializados, como louças e vidros importados, revelam a inserção de Cuiabá em redes comerciais nacionais e internacionais, as cerâmicas artesanais evidenciam a permanência de práticas locais e conhecimentos tradicionais.



As camadas do tempo

Outro aspecto importante observado durante as escavações foi a presença de diferentes camadas arqueológicas. Cada uma delas corresponde a um momento distinto da ocupação do terreno, funcionando como páginas de um livro que registra a história da cidade.

As camadas mais superficiais concentraram materiais relacionados ao século XX, associados às reformas e intervenções mais recentes. Em níveis mais profundos foram encontrados vestígios que remontam ao século XIX, permitindo acompanhar as mudanças na utilização do espaço ao longo do tempo.

Essa sequência estratigráfica demonstra que o Centro Histórico de Cuiabá preserva, sob o solo, registros materiais de diferentes períodos de sua trajetória, tornando cada escavação uma oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a evolução urbana da capital mato-grossense.



As escavações realizadas na Casa do IPHAN mostram que o patrimônio arqueológico urbano vai muito além dos edifícios históricos ainda preservados. Sob quintais, ruas e praças permanecem estruturas, objetos e vestígios capazes de revelar aspectos da vida cotidiana que dificilmente aparecem nos documentos escritos.

Cada fragmento recuperado contribui para compreender como a cidade foi construída, quem foram seus habitantes e como diferentes grupos sociais moldaram a paisagem urbana ao longo de mais de três séculos de história.

As pesquisas desenvolvidas no Centro Histórico de Cuiabá demonstram que a Arqueologia Urbana é uma ferramenta essencial para compreender a história das cidades a partir dos vestígios preservados em seus espaços. Muito além dos edifícios históricos visíveis, o subsolo guarda evidências que revelam modos de vida, relações sociais, práticas culturais, transformações da paisagem e a memória das pessoas que construíram a cidade ao longo de mais de três séculos.

As escavações realizadas na Casa do IPHAN e na Casa do Rosário, associadas à análise de documentos históricos, cartografias antigas e geotecnologias, permitiram ampliar significativamente o **conhecimento sobre a formação do Centro Histórico de Cuiabá**. Estruturas construtivas, cerâmicas artesanais, louças, vidros, porcelanas e documentos fiscais revelaram **aspectos do cotidiano que dificilmente seriam conhecidos apenas por meio dos registros escritos ou das edificações preservadas**.

Os resultados revelam que a história da cidade foi construída pelo **encontro de diferentes culturas**. Povos indígenas, populações africanas e afro-brasileiras, colonizadores portugueses e imigrantes contribuíram para formar uma identidade urbana singular, expressa tanto na **arquitetura quanto nos objetos utilizados diariamente**.

As cerâmicas produzidas localmente, as louças importadas e os documentos da antiga Coletoria de Rendas mostram que tradição e inovação coexistiram durante todo o processo de desenvolvimento da cidade.

Para além de recuperar objetos antigos, a Arqueologia Urbana busca **compreender as relações que as pessoas estabeleceram com a cidade ao longo do tempo**.

Cada fragmento de cerâmica, cada alicerce enterrado, cada documento preservado em um arquivo e cada camada de solo investigada representam **peças de um grande mosaico** que ajuda a contar a história de Cuiabá sob novas perspectivas, valorizando **personagens e experiências muitas vezes ausentes das narrativas tradicionais**.



O Centro Histórico de Cuiabá permanece como um espaço vivo, em constante transformação. Sob suas ruas, praças, igrejas e quintais ainda existem inúmeras histórias esperando para ser descobertas. Preservar esse patrimônio significa preservar não apenas objetos e construções, mas também os saberes, as memórias e as múltiplas identidades que continuam moldando a capital mato-grossense.



Referências

LIMA, T. No asfalto: arqueologia histórica urbana no Brasil. In: SYMANSKI, L.; SOUZA, M. (org.). Arqueologia histórica brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

PEREIRA DIAS, A. O viver escravo em Cuiabá: relações sociais, solidariedade e autonomia. 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

ROSA, C. Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá: vila urbana em Mato Grosso no século XVIII (1722–1808). 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SILVA, V. Missão, aldeamento e cidade: os Guaná entre os Albuquerque e Cuiabá (1819–1901). 2001. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

SIQUEIRA, E. História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SIQUEIRA, E. et al. Cuiabá: de vila a metrópole nascente. Cuiabá: Entrelinhas, 2007.

SYMANSKI, L. et al. Relatório Técnico do Núcleo de Arqueologia. No prelo, 2026.

STUCHI, F. Licenciamento ambiental, arqueologia e territórios indígenas em Mato Grosso: patrimônio cultural ou despojos de guerra? 2025. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SOUZA, M. Introdução ao estudo dos sítios arqueológicos históricos. In: SYMANSKI, L.; SOUZA, M. (org.). Arqueologia histórica brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.



Coordenação Geral do Projeto:

Marcia Alves
Cleberson Ribeiro

Textos

Eduardo Daflon
Fernando Jorge
Luis Symanski
Marcia Alves
Marcos Oliveira
Wilson Ferreira

Edição Geral

Marcia Alves

Identidade visual e projeto gráfico

Space Content

Equipe do Núcleo de Arqueologia

Eduardo Daflon
Fernando Jorge
Luis Symanski
Marcos Vinicius Oliveira
Wilson Ferreira

Equipe Projeto Alma:

Ana Oliveira	Ibraim Fantin
Benjamim da Silva	João Victor
Bruna Santos e Silva	Kauã dos Anjos
Carla Anhaia	Laurenice Lopes
Carlos Hernandez	Luis Symanski
Cleberson Ribeiro	Marcia Alves
Doriane Azevedo	Marcos Oliveira
Eduardo Daflon	Natália Lins Turi
Érica Meriele	Sônia Romancini
Everton Gomes	Tamires Soares
Fernando Jorge	Vanessa Silva
Francisco de Assis	Victor Silva
	Wilson Ferreira



Realização



Apoio



É permitida a reprodução desde que citada a fonte.



projetoalmacuiaba.com.br

 [@alma.cuiaba](https://www.instagram.com/alma.cuiaba)

 projetoalmacuiaba@gmail.com

2026